



A configuração narrativa no jornalismo: perspectivas e potencialidades

Suzanne Borela¹.

Universidade Federal de Santa Maria.

Resumo: Neste trabalho recuperamos algumas reflexões sobre a narrativa, especialmente situadas nos estudos do filósofo francês Paul Ricoeur (1994), para articulá-las aos estudos de jornalismo. Mobilizamos, também, autores que seguem esta perspectiva na produção intelectual brasileira, como Motta (2005; 2013) Resende (2001; 2011) Carvalho (2010; 2012) e Leal (2013). Deste modo, convocamos a discussão sobre a tríplice mimese e sua relação intrínseca com o tempo e a experiência para (re)pensar o jornalismo como produtor de sentidos e de conhecimento. Por fim, apresentamos a experiência como categorial potencial para compreender as dimensões mobilizadas pela tríplice mimese no processo de configuração da narrativa jornalística.

Palavras-chave: Jornalismo; Narrativa; Experiência.

1. Dos propósitos

Problematizar o jornalismo da perspectiva da narrativa possibilita repensar seu papel como produtor de conhecimento, além de recuperar questões esquecidas pelos estudos que consideram a narrativa apenas como modalidade textual ou gênero informativo. Deste modo, é possível explorar os complexos processos desse fenômeno comunicacional, bem como considerar os aspectos sociais, históricos e culturais da atividade.

¹ Jornalista graduada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/FW). Mestra em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC). Doutoranda em Comunicação na Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM).E-mail:suziborela@gmail.com

Ao narrar, sempre produzimos novas experiências. É pela narrativa que atribuímos sentido ao mundo, damos vida aos sujeitos a quem descrevemos e com os quais pretendemos falar. Segundo Ricoeur, quem fala “tem a intenção de que o outro saiba que ele tem a intenção de” (Ricoeur, 2005, p. 17), por isso a narrativa é sempre troca, compartilhamento, produção de sentidos e de conhecimento. Na tessitura da intriga há uma articulação simbólica de “processos culturais que articulam a experiência inteira” (RICOEUR 1994, p. 92).

Olhar para o jornalismo e compreendê-lo como narrativa significa “enfrentar o dilema de saber que o discurso que obedece a lei de se referendar no real é também estruturado – e tecido – a partir do simbólico” (RESENDE, 2011, p. 7). A narrativa do jornalismo se inscreve no presente com marcas aparentes de suas dimensões simbólicas, éticas e temporais. Como nos lembra Resende, “os fatos não falam por si e é na narração que, a partir de um jogo de forças, o compartilhamento é (e não é) potencializado, ao mesmo tempo em que é (ou não) viabilizado o propósito da comunicação” (2011, p. 9).

Neste trabalho nos propomos a pensar o jornalismo a partir das reflexões acerca da narrativa do filósofo francês Paul Ricoeur (1994), considerando sua relação intrínseca com o tempo e a experiência. Nosso propósito é seguir no caminho de diferentes autores que buscam novos modos de olhar para o jornalismo, tendo em vista que este não é estático nem inerte as transformações culturais e sociais dos contextos em que está inserido. Nesse sentido, nosso esforço tem um caráter epistemológico, pois ao considerar a experiência como categorial central para compreender a configuração narrativa do jornalismo – sob a perspectiva da tríplice mimese de Ricoeur, ou seja, levando em consideração os mundos do jornalista (autor), do texto e do leitor – buscamos oferecer um novo modo de compreensão do jornalismo como fenômeno cultural e produtor de conhecimento. Da mesma forma, consideramos a importância de articular aos estudos do jornalismo novas perspectivas, sejam elas teóricas ou analíticas, que contribuam para o entendimento tanto do fazer jornalístico contemporâneo, quanto para novas visadas para reflexão no campo acadêmico e intelectual.

2. Narrativa: um modo de compreender o mundo e configurar realidades

Narramos para dar sentido à vida, para compreender o mundo e configurar realidades e experiências. Compreender a narrativa como um fenômeno heterogêneo, que se instituiu em um jogo de trocas, de agenciamento e reconhecimento, do outro e de si mesmo, permite-nos ampliar as reflexões sobre os propósitos da comunicação, superando percepções estabilizadas e possibilitando novas visadas aos fenômenos comunicacionais. As contribuições do filósofo Paul Ricoeur sobre narrativa (e sua relação intrínseca com o tempo e a experiência) clareia nosso caminho de pesquisa para compreender um modo específico e ao mesmo tempo muito peculiar de contar a vida cotidiana: o jornalismo.

Em Ricoeur assumimos a narrativa a partir dos estudos da linguagem, ou seja, buscamos ultrapassar seu entendimento como mera modalidade textual, gênero linguístico ou organização de discurso. As narrativas “têm a forma dos diferentes relatos que contam histórias. São sempre uma ‘resposta’, ou melhor, um ‘em resposta’ que articula e enreda acontecimentos, qualidades, objetos, outros relatos e outras histórias” (ANTUNES, 2013, p. 197, destaques do autor), são elas mesmas experiências que nos constituem enquanto sujeitos. Elas também podem ser entendidas como “dispositivo de argumentação na relação entre sujeitos” (MOTTA, 2005, p. 4). Para Ricoeur, “contamos histórias porque finalmente as vidas humanas têm necessidade e merecem ser contadas” (1994, p. 116). A narrativa é um lugar contínuo de produção de sentido. Ao narrar damos ordem ao caos, produzimos outros conhecimentos e vivências, tornamos a experiência humana apreensível, acessível e inteligível, e, portanto, estamos também sempre criando outras experiências.

Pensar a narrativa articulada às noções de experiência e tempo vão ao encontro das reflexões de Ricoeur, que a associa a ideia de intriga e considera-a como um modo de configurar a experiência do mundo, de compreendê-lo, e de comunicar-se com outros sujeitos. É o tempo, e suas dimensões, que permite esse ato de narrar, de dar sentido e tornar as experiências inteligíveis. O “mundo exibido por qualquer obra narrativa é sempre um mundo temporal” (RICOEUR, 1994, p. 15). O tempo e a “tessitura da intri-

ga” são para Ricoeur os elementos centrais da narrativa, pois “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal” (RICOEUR, 1994, p. 85). Narrar, nos diz Carvalho, é uma ação permanente de atualização, “é a capacidade de tornar a atualidade mais do que um momento que logo em seguida se perderá da memória” (2012, p. 173).

A discussão sobre o tempo e seus significados de Ricoeur é inspirada pelas obras de Santo Agostinho e Aristóteles, que encontram a reflexão sobre o tecer da intriga. O filósofo deixa claro que não há consenso entre os dois autores sobre as dimensões do tempo e sua relação com a intriga, além disso há uma dificuldade – especialmente em Santo Agostinho – de definir o que é o tempo. Ainda assim, em Ricoeur podemos compreender que “há dimensões do tempo que vão além das cronológicas, a exemplo das dimensões psicológicas, capazes de tornar tempos cronológicos semelhantes distintos para pessoas diferentes, posto que cada um esteja vivenciando experiências de mundo particulares” (CARVALHO, 2010, p. 4). Conforme argumenta Ricoeur, “narramos as coisas que consideramos verdadeiras e predizemos acontecimentos que ocorrem tal como os havíamos antecipado” (1994, p. 26). O tempo é algo fundamental para pensarmos as narrativas no campo jornalístico, visto que a produção de informação exige um esforço constante para alcançar, relacionar e configurar as dimensões temporais. No jornalismo, configuramos narrativas do presente com uma forte influência de um tempo passado, ao passo em que almejamos alcançar explicações de um tempo por vir. São experiências que articulam modos temporais distintos, e no ato de narrar ganham sentido. No entanto, o tempo narrado desperta em cada sujeito experiências e sentidos diferentes, que vão de acordo com o tempo vivido de cada um, bem como seu reconhecimento (ou não) do mundo em narração.

O tempo “somente faz sentido como parte da memória da humanidade, como o que pode ser resgatado, mas também como o que pode, em alguma medida, ser previsto” (CARVALHO, 2010, p. 4). É pela memória que o tempo se torna plausível e explicável, pois são nas narrativas que o tempo passa a existir. Compor a intriga é dispor de modo ordenado o que antes era só fragmento, é tornar concreta uma determinada história, compartilhando e criando novas experiências, pois ela integra, “completa os eventos

múltiplos e dispersos e assim esquematiza a significação inteligível que se prende à narrativa considerada como um todo” (RICOEUR, 1994, p. 10). Toda experiência, defende Ricoeur, possui uma estrutura pré-narrativa, por isso algumas histórias “pedem” para ser narradas. Para ele: “se, com efeito, a ação pode ser narrada, é porque ela já está articulada em signos, regras, normas: é, desde sempre, simbolicamente mediatizada”. (1994, p. 91). O ato de narrar, por sua vez, não é neutro, muito menos fixo ou estável. Narramos por um propósito, narramos para comunicar algo a alguém, para estabelecer relações, para oferecer um determinado modo de apreender o mundo. Conforme Motta, “nenhuma narrativa é ingênua, neutra, imparcial; toda narrativa é argumentativa. Quer atrair, seduzir, envolver, convencer, provocar efeitos de sentido” (2013, p. 196). Ainda, quem narra “investe na organização narrativa do seu discurso e solicita uma determinada interpretação por parte do seu destinatário” (MOTTA, 2005, p. 3).

A narrativa institui uma relação de troca que não se encerra nela mesma. Na tessitura da intriga, no agenciamento dos fatos, ela posiciona os sujeitos no mundo, e transforma o modo como estes enxergam a vida (em suas dimensões temporais de passado, presente e futuro) e sua própria identidade. Ao compartilhar um determinado saber sobre o mundo, a narrativa não só expressa valores, normas e regras reconhecíveis (ou não), como também configura novas realidades e deixa aberto um espaço para que novas experiências floresçam, tornando possível também o florescer de novas narrativas. Este processo de prefiguração, configuração e reconfiguração da narrativa é o que compõe a intriga e o círculo hermenêutico proposto por Paul Ricoeur. Partindo dessa perspectiva, é possível problematizar as narrativas do jornalismo a partir das mediações, dos agenciamentos e dos sujeitos ativos no circuito comunicativo que produz a informação, e um conhecimento situado.

2.1 A composição da intriga e a tríplice mimese em Paul Ricoeur

Ao refletir sobre a tessitura da intriga, Ricoeur relaciona a narrativa à tríplice mimese, condição responsável por estabelecer a relação entre três mundos: o do autor, o do texto e o do leitor. Afinal, “narrar é compor intrigas” (LEAL, 2013, p. 34). Para ele, a noção de intriga se configura pela imitação e representação da ação, pois existe “uma quase identificação entre as duas expressões: imitação ou representação da ação e agen-

ciamento dos fatos” (RICOUER, 1994, p. 59). É pela tessitura da intriga, ou organização dos fatos, que a síntese do heterogêneo é promovida, permitindo a integração de ações e fatos temporalmente dispersos na totalidade de uma história. Uma narrativa é sempre uma trajetória, o “tecer da intriga é dispor elementos – temporais, funcionais, atributivos – diferentes. [...] ao dispor, ao configurar, uma narrativa ‘soluciona’ relações, problemas, situações complexas, articulando-as de modo a produzir um todo” (LEAL, 2013, p.34, destaques do autor). Toda narrativa, portanto, torna inteligível a experiência social a partir de uma “*mise em intrigue*”, constituída pela tríplice mimese que diz respeito a prefiguração do campo prático, a configuração textual do mesmo, e a reconfiguração pela recepção. “A imitação ou a representação é uma atividade mimética enquanto produz algo, a saber, precisamente a disposição dos fatos pela tessitura da intriga” (RICOEUR, 1994, p. 60). Imita, representa e produz novos sentidos, novos fatos, mas nem por isso é, ou poderia ser, o reflexo fiel da realidade, não é espelhamento do real.

O processo mimético chama atenção para dimensões éticas que estão implicadas no ato de narrar, além de tornar concreta a relação entre tempo e intriga. Para Ricoeur há um universo de sentidos éticos e culturais que antecede a narrativa, ou seja, “segui-mos, pois, o destino de um tempo prefigurado em um tempo refigurado, pela mediação de um tempo configurado” (1994, p. 87). Ou seja:

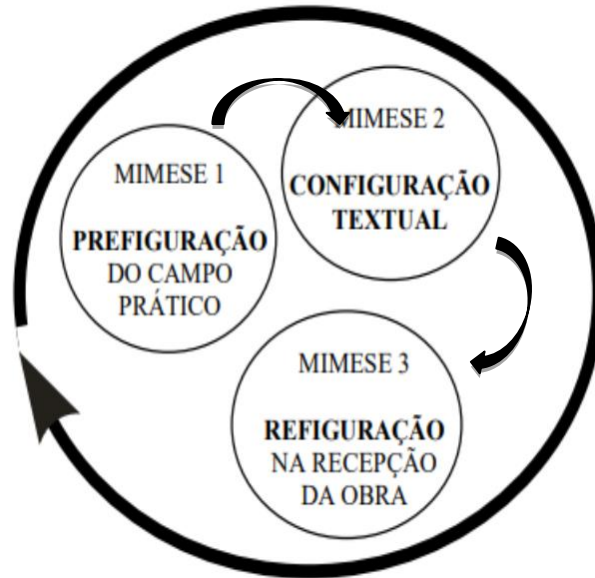


Figura 1: A tríplice mimese / O círculo hermenêutico de Paul Ricoeur

Deste modo, a mimese I diz respeito a nossa pré-compreensão do mundo prático, guiada por dimensões éticas, representa o mundo social em sua complexidade. Esse mundo prefigurado da mimese I é percebido a partir de três dimensões: estruturais, simbólicas e temporais. Na explicação de Carvalho:

A primeira diz respeito, imediatamente, às próprias formas narrativas mais caras a uma determinada sociedade, compreendendo um conjunto de regras consideradas pertinentes a um bom modo de narrar, ou a uma tradição narrativa. A segunda dá conta de um conjunto de mitos, crenças, valores, questões éticas e morais, enfim, uma ampla gama de manifestações típicas da cultura, enquanto a última é articuladora de sentidos ao remeter às diversas possibilidades de que a temporalidade, cronológica ou de outra natureza, é portadora. (CARVALHO, 2012, p. 175).

A compreensão da intriga está interligada a um conhecimento prévio do mundo, suas fontes simbólicas, suas estruturas inteligíveis e seu caráter temporal (RICOEUR, 1994). Para Ricoeur “o termo símbolo – ou melhor, medição simbólica – assinala o caráter *estruturado* de um conjunto simbólico” (1994, p. 92, destaques do autor). Ainda sobre a mediação simbólica, Ricoeur afirma:

Em função das normas imanentes de uma cultura, as ações podem ser estimadas ou apreciadas, isto é, julgadas segundo uma escala de preferência moral. Recebem assim um *valor* relativo, que faz dizer que tal ação *vale* mais que tal outra. Esses graus de valor, atribuídos primeiros às ações, podem ser estendidos aos próprios agentes, que são tidos como bons, maus, melhores ou piores. (RICOEUR, 1994, p. 96, destaques do autor).

Essa pré-compreensão do mundo, que atinge na mimese I um caráter estruturador e regulador de um conjunto simbólico de ações, nos permite refletir sobre o conceito de neutralidade no campo jornalístico. Com Ricoeur, percebemos nesse mundo prefigurado a existência de valores, regras e normas que são presentes no imaginário social e fazem parte da constituição dos sujeitos, que as reconhecem a partir das narrativas postas em circulação. O jornalismo, como campo e instituição, possui suas próprias regras e valores, seus códigos e sua ética, mas não está inerte a essa compreensão prévia de mundo, e, portanto, compartilha suas dimensões simbólicas e seus julgamentos frente às ações do cotidiano.

Ao observarmos a mimese II percebemos que a tessitura da intriga assume sua função de mediação, conectando o antes do texto ao depois do texto, em um processo relacional. É o ato de configuração, a presença marcante de um narrador que constitui a mimese II, além de seu caráter profundamente mediador. Neste nível ficam visíveis as operações, pois no próprio campo textual a intriga exerce “uma função de integração e, nesse sentido, de mediação, que lhe permite operar, fora desse próprio campo, uma mediação de maior amplitude entre a pré-compreensão e, se ousar dizer, a pós-compreensão da ordem da ação e de seus traços temporais” (RICOEUR, 1994, p. 102-103). Para Ricoeur, há três motivos pelos quais a intriga se torna mediadora: 1) porque faz a mediação entre incidentes ou acontecimentos individuais e a totalidade de uma história; 2) porque compõe ao mesmo tempo fatores diversos tão heterogêneos; e 3) por seus caracteres temporais que permitem a “síntese do heterogêneo” (RICOEUR, 1994).

É na mimese III que encontramos o papel decisivo e ativo do sujeito leitor, é o momento de reconfiguração da narrativa. Nas palavras de Ricoeur: “a narrativa tem seu sentido pleno quando é restituída ao tempo do agir do padecer em mimese III” (1994, p. 110). Entretanto, o processo mimético não se encerra em seu terceiro movimento. Não há um “círculo vicioso”, mas pode haver, no ato da análise narrativa, um “círculo saudável”, pois segundo Ricoeur “que a análise seja circular, não é contestável, mas que o

círculo seja vicioso pode ser refutável” (1994, p. 112). Pela dinamicidade da intriga, não há nesse processo um ponto de partida ou encerramento, por isso a noção de espiral cabe tão bem a compreensão narrativa. É na mimese III que a narrativa alcança sua plenitude, mas é também a partir dela que novas narrativas são geradas, ela é chegada e também partida. É graças a tessitura da intriga, e ao papel de mediação exercido pela mimese II entre a experiência prática e a compreensão narrativa, que é possível dar sentido ao mundo, e ao mesmo tempo permitir sempre a emergência de novos sentidos, diferentes interpretações e o surgimento de novas tessituras. Pois, para Ricoeur, “seguir uma história é atualizá-la na leitura” (1994, p. 118).

Ainda, na mediação da mimese I com a mimese III, propõe Paul Ricoeur, que se estabelece o “círculo hermenêutico”, “não somente pela razão em si de que é mimese II que permite ao mundo prefigurado a reconfiguração, ato essencialmente interpretativo, como também pelo fato de que as narrativas são formas privilegiadas de tomada de conhecimento do mundo” (CARVALHO, 2012, p. 177). É tarefa da hermenêutica, acredita Ricoeur, a preocupação de reconstruir “o conjunto das operações pelas quais uma obra eleva-se do fundo opaco do viver, do agir e do sofrer, para ser dada, por um ator, a um leitor, que a recebe e assim muda o seu agir” (1994, p. 86). Para ele, a mediação entre tempo e narrativa só é constituída pela relação construída pelos tempos miméticos.

Podemos, nesse sentido, compreender que toda narrativa é um agir em relação aos acontecimentos, e que “a representação narrativa não é em momento algum espelhamento, reflexo, mas um gesto criador de realidades, de mundos, de entendimentos” (LEAL, 2013, p. 35). O círculo saudável a que se refere Ricoeur pode ser um modo construtivo de enxergar e problematizar a narrativa jornalística na cobertura de um acontecimento específico, como, por exemplo, a pandemia do novo Coronavírus, de modo que os três mundos, do autor, do texto e do leitor, possam ser compreendidos a partir da tessitura da intriga, e da relação intrínseca do acontecimento narrado com o tempo e a experiência.

3. O jornalismo como narrativa: perspectivas e possibilidades

Os estudos que consideram o jornalismo como narrativa, na produção bibliográfica brasileira, apresentam novos modos de olhar para esse fenômeno comunicacional e cultural, especialmente influenciados pelas reflexões do filósofo francês Paul Ricoeur (ANTUNES, 2013; CARVALHO, 2006; CARVALHO, 2012; LEAL, 2013; MOTTA, 2005; 2013; RESENDE, 2009; 2011 e entre outros). Os autores que se dedicam a explorar essa perspectiva buscam superar uma compreensão da narrativa apenas como modalidade textual, “abordadas como o resultado de um conjunto de técnicas, que se articula a estratégias de pauta, apuração, entrevista etc., sendo um momento – o final – do processo de produção de informação” (LEAL, 2013, p. 25). Portanto, compreender o jornalismo à luz das narrativas nos permite problematizar suas dimensões temporais, simbólicas, éticas e principalmente seus processos de mediação.

A partir da compreensão da tríplice mimese, a narrativa constitui uma relação que envolve ações de um “produtor” e de um “receptor”, mediada pela configuração textual. Entre os gestos de prefiguração (mimese I) e de reconfiguração (mimese III), “um mundo textual se apresenta, dinâmico e aberto. Nesse momento, tanto a narratividade extrapola os limites de uma única notícia, como o lugar do analista se aproxima daquele do receptor, em um processo de refiguração” (LEAL, 2013, p. 40). Se partirmos da premissa que no ato de narrar atribuímos sentidos à experiência e reconhecemos nosso tempo, “os sujeitos e seus espaços de narrar se tornam a problemática crucial no universo da comunicação e do jornalismo”. (SCHWAAB, 2014, p. 32). Segundo Motta (2013), o jornalismo configura representações da realidade sucessivamente, pois é através dele que diariamente tomamos conhecimento do que se passa no mundo. Para Motta:

A força narrativa dos enunciados jornalísticos estaria menos nas qualidades narrativas intrínsecas do texto das notícias e reportagens ou no confronto entre o estilo descritivo e o narrativo, mas principalmente no entendimento da comunicação jornalística como uma forma contemporânea de domar o tempo, de mediar a relação entre um mundo temporal e ético (ou intratemporal) pré-figurado e um mundo refigurado pelo ato de leitura. (MOTTA, 2013, p.2)

É no processo narrativo que o jornalismo aciona a produção e a disputa de sentidos, principalmente por estar enraizado em dimensões éticas e culturais próprias ao campo. Narrar, nessa perspectiva, é uma luta constante pela manutenção de sentidos pré-existentes, mas também sempre construção de novos. Ao narrar, os jornalistas travam uma luta contra a perda de memória, ao mesmo tempo em que configuram esquecimentos e exclusões. Deste modo, é preciso reconhecer que as experiências, “se não podem jamais ser substituídas ou mesmo apreendidas em sua totalidade pelas narrativas que delas fazemos, também jamais podem ser mantidas em estado vivo ou de latência se delas não tecemos narrativas” (CARVALHO; LAGE, 2014, p.158).

Os acontecimentos ganham vida quando são narrados, mas também são constituídos por relações de poder, por disputa de sentidos e diferentes modos de interpretação e ação, os quais ultrapassam a experiência. No jornalismo, as narrativas constituem ações que sustentam seus processos e produtos culturais, a partir de experiências mediadas e comunicacionais. Para além da sua materialidade, como a construção de notícias ou reportagens, “as narrativas constituem metaforicamente um conjunto de saberes sobre nós mesmos e nossos mundos, abrindo outros desafios teóricos e metodológicos em sua exploração” (CARVALHO; LAGE, 2014, p. 160). Aliás, a própria construção identitária é feita narrativamente, quando buscamos responder quem somos – ou responder “quem é o outro”? – configuramos descritivamente nossas marcas enquanto sujeitos, articulando qualidades, experiências e acontecimentos. “Nossa identidade é uma narrativa que continuamente escrevemos e reelaboramos” (LEAL, 2013, p. 29), característica essa que é perceptível nas histórias contadas pelo jornalismo, e faz parte de um modo de narrar muito específico e necessário da prática. O que não nos impede de problematizá-la, pois as estratégias narrativas escolhidas para descrever os sujeitos dizem muito sobre o papel exercido pelo jornalismo, especialmente no que diz respeito à reprodução de estereótipos e desigualdades, visto que as subjetividades em destaque podem determinar identidades aceitáveis, criando (ou reproduzindo) hierarquias e dicotomias, como bem/mal, certo/errado/ e etc. Do mesmo modo, o potencial da narrativa pode contribuir para que um novo modo de contar alcance a prática jornalística, buscando a inclusão de sujeitos às margens, das minorias que antes não tinham espaço, não por suas caracterís-

ticas corporais e subjetivas, mas por suas experiências, sua relação com os pans e os tempos vividos.

Nesse sentido, considerar o jornalismo como narrativa não é negar seu valor enquanto correspondente da realidade, especialmente na concepção de notícias. Para Bird e Dardenne (1999) essa perspectiva introduz “uma outra dimensão às notícias, dimensão essa na qual as ‘estórias’ de notícias transcendem suas funções tradicionais de informar e explicar.” (p. 265). O ato de produzir narrativas implica tanto um gesto de memória quanto de exclusão, pois “o contar de uma estória exclui, por conseguinte, todas as outras ‘estórias’ que nunca são contadas” (BIRD; DARDENNE, 1999 p.).

As reflexões acerca do jornalismo como narrativa nos permitem repensar tanto as qualidades estéticas de um fazer jornalístico, quanto seu papel como fenômeno cultural na configuração de realidades mediadas. Além disso, as noções de tempo e experiência tornam-se essenciais para compreender o circuito comunicativo que atravessa toda produção jornalística. Uma configuração temporal que aparece em cada experiência, em suas dimensões de passado, presente e futuro, e experiências coletivas que na individualidade acionam tempos distintos. Essa relação impacta não só na produção de informação e na construção narrativa, como no próprio entendimento. Ao recorrer às experiências, ao relembrar momentos ou criar expectativas de um tempo futuro, construímos novas formas de ver o mundo, novos conhecimentos situados e compartilhados a partir da narrativa. Adotando a tríplice mimese, passamos a apreender a prática jornalística em sua totalidade e amplitude, não visando um fim que se encerra na construção textual, mas explorando sua relação com um produtor e um receptor/leitor, a partir do ato de interpretação e do despertar de novas experiências. Esses movimentos de análise são possíveis se superarmos alguns parâmetros ainda muito caros ao campo, como por exemplo, a neutralidade e a objetividade.

Refletir sobre a narratividade do jornalismo implica considerar que existe uma construção textual que ultrapassa a notícia ou reportagem, pois nesse processo são acionadas outras relações, que envolvem principalmente uma prefiguração da experiência e suas dimensões temporais. O jornalismo como narrativa admite um mundo prefigurado, repleto de valores, regras e normas que influenciam seus modos de ser e agir. Deste modo, considerarmos que cada profissional de jornalismo além de ser guiado por di-

mensões éticas e culturais próprias do campo, também tem seu agir no mundo moldado por suas experiências e pelas narrativas que consome e com as quais está inserido. Isso não significa dizer que seu compromisso com a “verdade” dos fatos – característica que se funda em uma perspectiva científica e positivista sobre a produção de conhecimento – seja deslocado ou esquecido. Mas, considerar a tessitura da intriga requer a compreensão de que não há uma verdade absoluta, de que não é possível apenas refletir a realidade social, pois esta não é fixa ou estável.

Para Leal, “a realidade não é única e sequer unívoca: cada um transita, no seu cotidiano, por diferentes realidades e há certezas e relações possíveis em cada uma delas que não são transponíveis para as demais” (2013, p. 46). Um dos grandes potenciais da narrativa é justamente o poder de atribuir à experiência um papel configurador na transposição dos acontecimentos do mundo social para a composição textual. São as estratégias narrativas que interpelam os sujeitos à interpretação e reconfiguração de um determinado saber. O jornalismo como narrativa produz sentido, dá forma ao mundo, apreende o tempo a partir da experiência, e, por isso, pode ser considerado como produtor de conhecimento. Para Resende, “pensar, (re)conhecer e analisar as narrativas jornalísticas à luz de sua tessitura pode ser um caminho tanto para se conhecer o jornalismo quanto o seu próprio fazer” (2009, p. 36).

Ao considerarmos a experiência, associada à tríplice mimese de Paul Ricoeur, como crucial pra compreender o circuito comunicativo da produção jornalística, estamos propondo considerar sua presença ativa em todos os momentos do “círculo saudável”, ou seja, na dimensão da ação do (a) jornalista, com as marcar de um mundo pré-figurado (*mimese I*), no mundo do texto em sua função configuradora e essencialmente de mediação simbólica (*mimese II*), e na interpretação e reconfiguração narrativa que alcança o mundo do leitor (*mimese III*) e gera novas narrativas a partir das experiências compartilhadas. Assim, ao adotar a ideia de espiral, e não círculo vicioso, articulando os estudos sobre narrativa aos estudos do jornalismo, torna-se possível superar a noção de linearidade na produção de informação, para considerar seu caráter relacional e dialógico. Compreender, portanto, o jornalismo como narrativa e lugar de produção de conhecimento, implica considerar seu papel dinâmico e sua articulação constante de estraté-

gias de poder, em que as representações e mediações são indissociáveis (RESENDE, 2009).

4. Referências

ANTUNES, Elton. Narrativa. Trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação. In: FRANÇA, Vera.; MARTINS, Bruno Guimarães.; MENDES, André Melo. (Org). **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS):** trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação.

BIRD, Elisabeth e DARDENNE, Roberto. Mito, Registros e “estórias”. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo: questões, e “estórias”**. Lisboa: Vega, 2a ed., 1999. p. 263-288.

CARVALHO, Carlos Alberto de. Entendendo as narrativas jornalísticas a partir da tríplice mimese proposta por Paul Ricouer. **Matrizes** (USP. Impresso), v. 6, p. 169-188. 2012.

_____. A tríplice mimese de Paul Ricouer como fundamento para o processo de mediação jornalística. **Anais do XIX Encontro da Compós**, GT: Estudos em Jornalismo, Rio de Janeiro, 2010, p. 1-13.

_____; LAGE, Leandro. Sobre contribuições epistemológicas de Paul Ricouer para estudos em Comunicação: ação, narrativa e acontecimento. In: FRANÇA, Vera Veiga ... [et al] (orgs.). **Teorias da comunicação no Brasil: reflexões contemporâneas**. Salvador: Edufba, 2014, p. 150 – 171.

LEAL, Bruno Souza. O jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto (orgs.). **Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas**. São Paulo: Intermeios, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora. Universidade de Brasília, 2013.

MOTTA, L. G. **A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. In: Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 2005, Rio de Janeiro.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro. **Revista Galáxia**. São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009.

_____. Às desordens e aos sentidos: a narrativa como problema de pesquisa. **Anais do XX Encontro da Compós**. UFRGS, Porto Alegre, 2011.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução de Constança Marcondes Cesar. T. 1. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

SCHWAAB, Reges. Jornalismo, interrupção: sondar, narrar, reconhecer. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (orgs.). **Narrativas comunicacionais complexificadas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2014. p. 32 – 53.